

O ensino de História e a Formação da Consciência Histórica no Espaço da Escola Confessional Espírita A Partir de Análises do Material Didático

Ana Cecília Moreira Elias

O texto em se segue aborda a pesquisa ainda em andamento ao que tange a formação da consciência histórica no espaço da escola confessional Espírita “Allan Kardec”, situada na cidade de Catalão –GO, a partir de análises do material didático específico utilizado em mencionada instituição escolar, para tal, buscamos a partir da (s) concepção (s) de temporalidade representada no material entender os conceito de sociedade, cultura e ensino, especificamente o de História. Ressalvamos que o referido material didático, intitulado Escola Espírita A Escola que Educa – Planos de Curso e de Unidade é utilizado nas demais escolas espíritas em nível nacional.

Ao pautarmos nossa pesquisa a partir de análises sobre a temporalidade estamos considerando principalmente o seguinte debate, Horn e Germinari (2013), caracterizam que dentre as principais deficiências abrangendo a abordagem do tempo na disciplina de história nas escolas de ensino básico, consiste na falta de problematização do tempo a partir da teoria da História, apesar deste aparecer como importante proposta nos currículos escolares, por exemplo os PCN’S de História. (HORN; GERMINARI, 2013: 49);

[...] Procuramos demonstrar que o tempo tem sido tomado como categoria fundamental em propostas curriculares. Resumidamente, isso significa dizer que a sociedade é o objeto e sua medida é o processo. Não se trata, simplesmente, de negar o tempo como referência principal, mas o fato de não ter sido entendido na perspectiva da teoria da História.

Além desta falta de teorização da temporalidade nos currículos escolares, os autores destacam a falta de clareza em tais propostas curriculares ao que tange o tempo, na tentativa de neutralidade teórica mescla-se várias concepções sobre o tema, tornando a abordagem simplista e confusa. (HORN; GERMINARI, 2013: 50);

Mestranda: Mestrado Profissional em História da Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás. História, Cultura e Formação de Professores.

Orientadora: Professora Dra. Luzia Márcia Resende Silva.

Agência Financiadora: FAPEG – Fundação de Amparo À Pesquisa do Estado de Goiás.

O Currículo estabeleceu uma confusão quando tomou o tempo sob vários enfoques, o que, evidentemente, reflete em uma não-estruturação consistente dos conteúdos. Se parte do pressuposto de que é possível trabalhar os conteúdos a partir de várias acepções de tempo, é preciso também demonstra-lo através de uma estrutura lógica convincente.

Contudo, não devemos considerar esta pretensa neutralidade curricular como uma organização ingênua, tal como a pesquisa histórica não é neutra, a elaboração do currículo também não é, as disputas ideológicas e de poder também estão inseridas na elaboração deste, que sociedade pretende-se formar? Quais elementos pretende-se manter e quais pretende-se modificar na realidade cultural e social? Qual ideologia perpassa a elaboração do currículo? Que tipo de consciência histórica objetiva-se aperfeiçoar?

Com base em Rüsen (2010), a consciência histórica consiste na capacidade do sujeito orienta-se no tempo, desta forma, a elaboração do currículo escolar, a estrutura de manutenção do ensino no Brasil, principalmente das escolas públicas, mantidas para a coibição de debates críticos, reflexivos, dentre os quais inclui a temporalidade, projeta-se não para a exclusão de formação da consciência, mas, conforme referimos acima, devemos nos indagar quais concepções de cultura, sociedade, têm sido reforçadas. Por que insiste-se tanto em diluir o passado? E, assim como nos coloca Horn e Germinari (2013), por que persiste-se tanto em classificar os alunos e alunas como sujeitos abstratos? Separados de uma complexa realidade social a qual estão inseridos?

Beatriz Sarlo (2007), chama a atenção para o processo de tentativa de desconexão entre a leitura e compreensão da História e temporalidade, de acordo com a autora, há excesso de presentismo em determinadas produções historiográfica de “modalidade não acadêmica”, tais obras não apenas partem da inquietação presente para investigar o passado, assim como oferecem respostas, certezas, sobre os acontecimentos pretéritos, encerrando - os no museu dos acontecimentos prontos, acabados e com explicação certa. Estes escritos são direcionados para a venda, por vezes fogem ao

crivo da metodologia da história, tão cara aos historiadores de fato comprometidos com o seu ofício. (SARLO, 2007: 13);

Em contrapartida, a História de grande circulação é sensível às estratégias com que o presente torna funcional a investida do passado e considera totalmente legítimo pô-lo em evidência. Se não encontra respostas na esfera pública atual, ela fracassa e perde todo o interesse. A modalidade não acadêmica (ainda que praticada por um historiador de formação acadêmica) escuta os sentidos comuns do presente, atende às crenças de seu público e orienta-se em função delas. Isso não a torna pura e simplesmente falsa, mas ligada ao imaginário social contemporâneo, cujas pressões ela recebe e aceita mais como vantagem do que como limite.

O material didático, o currículo escolar, professores e professoras, são mediadores do conhecimento, estes não incutem por si só todo o saber nos alunos e alunas, neste ponto retomamos a crítica de Horn e Germinari (2013) ao tratamento que os discentes recebem no espaço da escola, tratando-os como se fossem seres abstratos, desassociados de todo complexo social e cultural os quais estão inseridos. Alunos e alunas não são páginas em branco para serem preenchidas no âmbito escolar, experiências, tais como, viagens, o círculo de amizade, a família, as experiências religiosas, e a própria escola são importantes elementos os quais contribuem no processo de formação da consciência histórica e social, portanto, a importância de se pensar a elaboração do currículo, do material didático... e no caso específico da disciplina de História, dentre outros elementos, como tem sido feita a abordagem da temporalidade no ensino básico.

Assim sendo, quando nos reportamos á análises do material didático utilizado pela Escola religiosa estamos levando em consideração que referido instrumento infere como importante elemento para a formação da consciência histórica e de identidades, as quais se desenvolvem em processo constante e múltiplo, ou seja, a formação humana é composta de heterogeneidades sem negar as contradições existentes no “ser”, e esta identidade individual construída a partir da subjetividade e das relações coletivas só pode ser edificada pelos próprios sujeitos, os quais partem de suas experiências com o

Mestranda: Mestrado Profissional em História da Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás. História, Cultura e Formação de Professores.

Orientadora: Professora Dra. Luzia Márcia Resende Silva.

Agência Financiadora: FAPEG – Fundação de Amparo À Pesquisa do Estado de Goiás.

real as interpretando subjetivamente e novamente expressando-as na realidade, desse modo nos intriga a organização espírita na esfera educacional, capaz de contribuir de forma incisiva para a formação da consciência social e histórica de agentes sociais ativos. (NECHI, 2010: 158 -159);

Sociologicamente, observou-se a escola pela ótica da sociologia da experiência, de François Dubet (1996), que abrange a compreensão do conceito de experiência, da tipologia das lógicas de ação e de suas ligações com o sistema. A experiência, para Dubet, (1996, p.94-112) pode ser entendida de duas maneiras. A primeira, como um modo de sentir, de ser invadido por um estado emocional individual ou coletivo. A segunda, como uma atividade cognitiva, um modo de experimentar e verificar o real. Ela se inscreve em múltiplos registros não congruentes, pois o ator não é totalmente socializado e nem integralmente constituído de apenas um papel. A experiência é, ainda, construída e crítica. (1996, p.105). [...] A experiência social seria então definida pela combinação de várias lógicas de ação e de sistemas, que coexistem e guiam os atores, sem que tenham ligação entre si e nem havendo uma hierarquia entre elas (1996, p.93, 94). Isto permite afirmar que cada ator é protagonista de sua história, ou como Dubet afirma: “[...] uma sociologia da experiência incita a que se considere cada indivíduo como um ‘intelectual’, como um ator capaz de dominar conscientemente, pelo menos em certa medida, a sua relação com o mundo.”

Lucas Nechi pautando-se em Rüsen, considera que consciência Histórica está diretamente ligada a capacidade do sujeito orientar-se no tempo, “o que centraliza a discussão histórica e inicia sua razão de ser é a vida prática dos homens com intenções específicas de busca ao passado” (Nechi, 2010), não para a compreensão deste em sua totalidade, mas, como base de entendimento de elementos que interferem na construção da realidade presente, visando posicionamentos em vista de uma realidade futura almejada.

Neste sentido, as manifestações religiosas inserem-se como formadoras da realidade social, e entende-las historicamente localizadas no tempo implica a compreensão de seus agentes na prática cotidiana, isto é, dentro e fora dos muros das

Mestranda: Mestrado Profissional em História da Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás. História, Cultura e Formação de Professores.

Orientadora: Professora Dra. Luzia Márcia Resende Silva.

Agência Financiadora: FAPEG – Fundação de Amparo À Pesquisa do Estado de Goiás.

instituições religiosas e escolares, não refere-se portanto, apenas em observá-las nas expressões dos cultos religiosos e\ou na organização curricular, sim como ela (a religiosidade) manifesta-se presente de forma direta e indireta na cultura escolar e nas diversas manifestações da sociedade. (NECHI, 2010: 168);

[...] Independentemente da subjetividade e profundidade mística da experiência religiosa, institucionalizada ou não, o sagrado sempre possui um lado racionalmente compreensível e observável. A religiosidade não é totalmente mística e subjetiva, podendo ser acessada por diversas racionalidades. Mesmo que nenhuma delas consiga apreendê-la no todo, é possível um bom desenho de suas características. Busca-se, aqui, não observar a religião e tudo que a cerca como se todos seus elementos fossem místicos e fantasiosos, visão que recairia sobre uma racionalização bruta de fenômenos sociais e individuais. Reforça-se, ainda, a observação de sua face institucional pautada por experiências pessoais e coletivas, negando a visão da religião como constituída unicamente de elementos inefáveis e indescritíveis.

Ao propormo-nos desenvolver pesquisa envolvendo a forma com que é compreendida e representada a concepção de ensino, tempo, dentre outros elementos acima citados, no material didático utilizado na escola espírita não estamos buscando entendimentos subjetivos religiosos e\ou juízos de conceitos sobre estes, mas estamos visando compreender a formação de consciência histórica de sujeitos ativos os quais ao orientarem-se no tempo agem e interferem diretamente na construção da sociedade e da cultura.

Deste modo para uma reflexão inicial observamos o seguinte ponto, material acima referenciado, *Escola Espírita “A Escola que Educa” – Planos de Curso e de Unidade*, na disciplina de História e Geografia trabalhada com os alunos e alunas do quarto ano, ensino fundamental primeira fase, na unidade “vivendo no município”, primeiro bimestre, dentre os conteúdos trabalhados nesta unidade apresenta-se a seguinte subdivisão, conteúdo formal: os limites do município; conteúdo espírita: o campo magnético da Terra dividido em sete esferas, limites entre essas esferas; lição: localização de *Nosso Lar* – esferas espirituais. Cap. IV (anexo 13); livro: *A Cidade no Mestranda: Mestrado Profissional em História da Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás. História, Cultura e Formação de Professores*.
Orientadora: Professora Dra. Luzia Márcia Resende Silva.
Agência Financiadora: FAPEG – Fundação de Amparo À Pesquisa do Estado de Goiás.

além, psicografia de Francisco Cândido Xavier, atribuído aos espíritos de André Luiz e Lucius.

A colônia Nosso Lar (compreendida como uma cidade espiritual) intitula à notória obra de Chico Xavier, compreendendo ao primeiro livro da série *A vida no mundo espiritual* ou *série André Luiz*, composta por 12 obras, são elas respectivamente posteriores à *Nosso Lar: Os Mensageiros*; *Missionários da Luz*; *Obreiros da Vida Eterna*; *No mundo Maior*; *Nos Domínios da Mediunidade*; *Entre a Terra e o Céu*; *Libertação*; *Ação e Reação*; *E a Vida Continua*; *Sexo e Destino* e *Desobesessão* (XAVIER, 2007: 04).

Estas obras têm em comum, ensinamentos da doutrina espírita sobre a vida após a morte, a relação direta e indireta entre “vivos” e “mortos”. *Nosso Lar* dá início a uma série de obras que descrevem com detalhes e didatismos, como são organizadas as cidades astrais, ou seja, os círculos espirituais, descrição está até então inexistente, pois mesmo que obras espíritas escritas anteriormente fizessem menções as cidades e organizações espirituais, nenhuma teve tamanha profundidade descritiva.

Todas as obras são atribuídas ao espírito de André Luiz, que através de suas experiências e em contato com diversas outras, tece a sua narrativa. Dentre essas *Nosso Lar* conquistou o posto de um dos principais livros psicografados por Chico Xavier, com mais de um milhão e meio de cópias vendidas.

Em suma, com base em Xavier (2007), colônias espirituais ou cidades espirituais, compreende-se por organizações invisíveis aos habitantes da Terra, estando espalhadas aos milhares dentro de nossa galáxia Via Láctea, bem como nas outras existentes. Estas cidades astrais compreendem-se por espaços, em que, de acordo com os procedimentos do sujeito enquanto a sua vida na Terra, poderá ser conduzido a uma destas cidades, sendo de maior ou menor “evolução”, isto será definido, de acordo com as próprias ações do sujeito. No que se refere à colônia Nosso Lar, esta é pertencente a orbe da terra, estando precisamente, situada acima do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, a princípio observamos as proposições acerca do que se entende como cidade e organização social no imaginário espírita, especialmente a cidade espiritual *Nosso Lar*, temática presente no material didático utilizado pela escola acima referenciada Allan Kardec, acompanhando a temática sobre a organização dos municípios para ser debatido\estudado com alunos e alunas do quarto ano do ensino fundamental primeira fase. Buscamos também a partir do entendimento sobre a temporalidade, defendida por pesquisadores que dedicam\dedicaram seus estudos numa perspectiva totalmente desassociada de compreensões religiosas, tais como Koselleck (2006), Sartre (1997), Reis (2009), Morin (2000), possibilidades de aproximação assim como os aspectos de oposição com a compreensão do “tempo sagrado” com o “tempo material”.

Para referido entendimento retomamos a pesquisa em que realizamos durante a graduação, com apreciações sobre a História, temporalidade e religiosidade (espiritismo), de modo que, sob a orientação da professora Dra. Luzia Márcia Resende Silva, apresentamos como trabalho final de curso, a monografia intitulada “*E a vida Continua*”: *Concepções de tempo no imaginário espírita a partir de representações no filme Nosso Lar*, (ELIAS, 2011); com as seguintes considerações finais (ressalvando que o filme manteve-se essencialmente fiel ao livro).

Entre as principais aproximações estabelecidas entre a apreensão religiosa pertencente ao imaginário espírita, com a compreensão de tempo e História por nós estudada, relacionam-se a perspectiva das organizações através do tempo da espera, isto é, assim como nas “organizações humanas” existem a expectativa, o momento certo dos acontecimentos, por exemplo, o tempo do trabalho e da burocracia. As organizações nas cidades espirituais lidam o tempo todo com a espera, filas, autorizações. Nesse sentido é reforçado a concepção de manutenção das hierarquias como base de sustentação da sociedade.

Além dessa organização objetiva, ao analisarmos o filme *Nosso Lar*, temos a compreensão do tempo como perspectiva subjetiva, o personagem André Luiz,

Mestranda: Mestrado Profissional em História da Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás. História, Cultura e Formação de Professores.

Orientadora: Professora Dra. Luzia Márcia Resende Silva.

Agência Financiadora: FAPEG – Fundação de Amparo À Pesquisa do Estado de Goiás.

perpassou praticamente todo o filme lidando com a expectativa e conflitos psicológicos que caracterizaram o seu drama.

Mencionado filme caracterizado como o gênero drama, é centrado na trajetória de André Luiz, que após seu “desencarne” (morte), encontra-se com o seu espírito preso em um horrível e desconhecido lugar, onde o personagem inicia todo o seu drama existencial, tentando entender o significado do que é a vida e de como ela era capaz de projetar-se depois da morte? Como, o porquê, da sua existência ter-se direcionado a tais circunstâncias?[...] E, quando o personagem consegue o entendimento de algumas das suas indagações, e é conduzido para a cidade Nosso Lar, o mesmo passa por outro grande dilema, o anseio em poder rever sua família, que continuavam na Terra. Contudo não iremos nos aprofundar em detalhes do filme, o trouxemos para o nosso texto a fim de entender elementos sobre a temporalidade, organização social e formação da consciência histórica a partir da compreensão espírita sobre tais temas, os quais pretende-se trabalhar com os educandos e educandas ao propor que os conceitos sobre a supracitada “cidade espiritual” seja estudados junto ao conteúdo sobre o que constitui os municípios.

Retomando o debate sobre a temporalidade, com base em Koselleck (2006), além da existência da organização do “tempo calendário”, existe a subjetividade da compreensão do tempo, seja pertencente à coletividade ou a percepção individual, dito de outra forma, a contagem do tempo em calendário é essencial à sociedade e ao historiador a título de organização. Entretanto, ao se fazer um estudo da temporalidade, é necessário ir além, compreender as variações de compreensão do tempo, de acordo com as experiências individuais de cada pessoa.

Diante disto, entendemos que na realidade, o que importa não é, por exemplo, os anos vividos por uma pessoa para que haja uma compreensão diante do tempo, isto é, estar mais velho não quer dizer “ser experiente”, mas sim, vale refletir sobre quais experiências o indivíduo teve ao longo do tempo e suas concepções internas pautadas em tais experiências. Desta forma, estar mais velho não corresponde à experiência, nem

Mestranda: Mestrado Profissional em História da Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás. História, Cultura e Formação de Professores.

Orientadora: Professora Dra. Luzia Márcia Resende Silva.

Agência Financiadora: FAPEG – Fundação de Amparo À Pesquisa do Estado de Goiás.

mesmo ser jovem equivale dizer que se trata de um momento encerrado pela espera e expectativas futuras.

Compreensão esta que se aproxima da perspectiva de Rusen (2010), ao que tange o conceito de consciência histórica, ou seja, para o autor está equivale à capacidade do sujeito orientar-se no tempo, partindo de suas experiências objetivas as interpretando conforme sua subjetividade e as expressando novamente no plano objetivo através de suas escolhas e práticas individuais e coletivas.

Ressalvando que, em Rüsen (2010) a consciência histórica está dividida em quatros segmentos, tradicional, crítica, exemplar e genética. Na perspectiva da consciência histórica tradicional o sujeito segue, reproduz tradições, na exemplar ele lida com exemplos passados e tenta reproduzir no presente, na crítica ele rejeita a tradição, os “exemplos” passados, enquanto que na consciência histórica genética faz-se uma elaboração mental através de entendimentos do passado, daquilo que é passível de permanecer no presente e também com o que se rompe, mescladamente. Nesse processo não equivale dizer de posições estanques assumidas pelo sujeito em relação a consciência histórica, pois, no processo de formação identitária, o indivíduo pode ao longo da vida manifestar diferentes reações e posições diante o contexto que se apresenta e que esteja inserido.

Para o autor este orientar-se no tempo condiz diretamente com as perspectivas de futuro, nossas ações contemporâneas são pautadas por este processo de compreensão passado-presente voltadas não apenas para o que esperamos no agora, mas, essencialmente para o que almejamos no futuro, para a sociedade futura, contudo lidando sempre com as incertezas do que está por vir. Entendimento este, em relação a temporalidade e a constituição da consciência histórica, também presente no filme acima referenciado.

Nesse sentindo podemos concluir que, ao estudar o tema sobre a organização das cidades na escola espírita, utilizando o material didático que propõe complementar os demais materiais considerados de núcleo comum utilizados em escolas laicas, o qual

Mestranda: Mestrado Profissional em História da Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás. História, Cultura e Formação de Professores.

Orientadora: Professora Dra. Luzia Márcia Resende Silva.

Agência Financiadora: FAPEG – Fundação de Amparo À Pesquisa do Estado de Goiás.

faz referências as cidades\colônias espirituais, sendo a principal menção a cidade Nosso Lar, observamos que importantes conceitos e entendimento sobre a organização social a partir da temporalidade estão sendo reforçados, a manutenção da hierarquia, a importância de orienta-se no tempo visando construções para si e para\na sociedade tanto no presente como para o que se espera no futuro, entretanto lidando continuamente com as incertezas, com o seguinte sentido, por mais que se alterem os paradigmas da vida, o que aconteceu no passado permanece inalterado, tais acontecimentos nos servem de reflexões e não como modelos estáticos que devem ser seguidos fielmente, mas que nos permitem fazermos ponderações, reflexões e planejamentos futuros.

Todavia estas são considerações iniciais sobre o como é organizado o material didático espírita e quais conceitos estão sendo defendidos, como continuidade de nossa pesquisa analisaremos com mais densidade se tais conceitos acima apresentados continuam presentes, aprofundando nossa discussão dentre outros elementos sobre a temporalidade e formação\reforço da consciência histórica que pretende-se a partir do supracitado material\apostila didática.

Referências

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. O Tecelão dos Tempos: o historiador como artesão das temporalidades. *Revista Eletrônica Boletim do Tempo*, Ano 4, Nº19, Rio, 2009 [ISSN 1981-3384].

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

BUFFA, Ester; NOSELLA, Paolo. *A Educação Negada: Introdução ao Estudo da Educação Brasileira Contemporânea*. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

Mestranda: Mestrado Profissional em História da Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás. História, Cultura e Formação de Professores.

Orientadora: Professora Dra. Luzia Márcia Resende Silva.

Agência Financiadora: FAPEG – Fundação de Amparo À Pesquisa do Estado de Goiás.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 21 Abr. 2014.

BORGES, Donaldo de Assis. *Os Fundamentos Histórico-filosóficos da ideia Cristã e do Espiritismo a partir das ideias de Sócrates e Platão*. 2009. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso em: 20 Abr. 2014.

ELIAS, Ana Cecília Moreira Elias. “*E a vida Continua*”: Concepções de tempo no imaginário espírita a partir de representações no filme *Nosso Lar*. Catalão – GO: Universidade Federal de Goiás\Regional Catalão, 2011. Monografia de Final de Curso.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de Ensino de História: Experiências, Reflexões e Aprendizados*. Campinas, SP: Papirus, 2012.

GIUMBELI, Emerson. “Kardec nos Trópicos”. In: *História da Biblioteca Nacional*, ano 3, n. 33, Rio de Janeiro, 2008.

HORN, Geraldo Balduino. *O Ensino de história e seu currículo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*: Contendo a explicação das máximas de Jesus Cristo, sua concordância com o Espiritismo e sua aplicação as diversas situações da vida. São Paulo: LAKE, 2000.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado - contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-RIO, 2006.

LEWGOY, Bernardo. *Chico Xavier e a Cultura Brasileira*. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext. Acesso em: 21 Abr. 2014.

MIGUEL, Neckel Sinuê. *Movimento Universitário Espírita (MEU) religião e política no espiritismo brasileiro (1967 – 1974)*. Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas, 2012. Dissertação de Mestrado.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

NECHI, Lucas Pydd. *Anais do 3º Seminário de Educação Histórica - Desafios da Aprendizagem na Perspectiva da Educação Histórica*. Paraná: LAPEDUH – UFPR, 2010.

PIRES, José Herculano. *Pedagogia Espírita*. EDICEL – Brasil, 2008.

PLANO DE CURSO E DE UNIDADE HISTÓRIA E GEOGRAFIA. *Escola Espírita “A escola que Educa”*. Brasília: Editora Auta de Souza, 2007

REIS, José Carlos. *Tempo, História e Evasão*. Campinas, SP: Papirus, 1994.

REIS, José Carlos. *História, a ciência dos homens no tempo*. Londrina: EDUEL, 2009.

RUSEN, Jörn. *História Viva: Teoria da História III – formas e funções do conhecimento histórico*. Trad. Estevão Rezende Martins. Brasília: Ed. da UnB, 2010.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

SARTRE, Jean Paul. *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso Lar*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2007.

Mestranda: Mestrado Profissional em História da Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás. História, Cultura e Formação de Professores.

Orientadora: Professora Dra. Luzia Márcia Resende Silva.

Agência Financiadora: FAPEG – Fundação de Amparo À Pesquisa do Estado de Goiás.

